

NEUME

**Projeto Neume – Um ensaio sobre
memória e sons**

**Projeto de conclusão de curso, FAAC,
Design.**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, UNESP**

Bauru, Maio 2015

Aluno: Matheus Scarlatti Belucio

**Orientador: Prof. Dr. Dorival Campos
Rossi**

**Núcleo de Pesquisa: PIPOL – Projetos
Integrados de Pesquisa On-Line**

Agradeço primeiramente aos meus pais, por todo o afeto e dedicação, e por sempre me dar a oportunidade das escolhas, mostrando que sempre existem infinitos caminhos possíveis a serem percorridos.

Agradeço ao anjo, que atende pelo nome de Beatriz. Obrigado pelo amor e cumplicidade de sempre.

Obrigado aos meus avós paternos e maternos, por terem feito da minha infância algo mágico e por sempre me darem todo tipo de apoio em minha vida. Grande parte de vocês sempre viverá dentro de mim.

Muito obrigado ao Professor Dorival, por ser cúmplice em minhas tentativas de ser o anão da Amelie e por instigar nossa curiosidade acerca de novos horizontes, seja no design e na vida.

Gostaria de deixar registrado também a minha eterna gratidão ao Rodrigo e Marcela por serem pessoas tão queridas e pela ajuda de extrema importância durante este processo. Saibam que podem sempre contar comigo, para o que der e vier.

Muito obrigado ao Eliandro, por abraçar a ideia do projeto e por ser tão receptivo e prestativo. Sem você este projeto não teria sido possível.

Agradeço também, imensamente ao Violeiro Levi Ramiro por ter sido tão acessível e gentil em me receber em sua residência e falar um pouco sobre suas experiências e mostrar um pouco de seu processo criativo.

Muito obrigado ao técnico e marceneiro Claudinho, por dedicar parte de seu tempo e me ajudar enquanto estive tentando desenvolver parte do projeto no Laboratório de Processamento de Bambu.

E por último, mas com certeza nem um pouco menos importante, fica minha eterna gratidão aos amigos e amigas que dividiram suas vidas e suas oradas comigo. Sempre vou carregar muitas boas lembranças em meu peito.

RESUMO

Este projeto trata-se de parte de uma proposta sobre como seria possível fazer música coletivamente de uma maneira não linear, através de uma performance musical ao vivo com interpretações pessoais sobre memória e sons sendo esta parte integrante da proposta.

INTRODUÇÃO

As relações sociais permeiam nossas experiências e realidade, possibilitando que as pessoas sintam umas as outras.

O conceito de Performance, segundo proposições de Paul Zumthor, é uma ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida aqui e agora.

Ao contrário da literatura ou da pintura, onde o suporte já está pronto quando o autor termina a obra para a apreciação pública, a música precisa, assim como o teatro, de uma fase intermediária, que transforma o papel escrito, no caso a partitura, em ação estética.

Sendo animais sociais, caminhamos cada vez mais para um mundo onde as sensações são mais importantes que a matéria.

A criação não consiste em pensar um objeto ou modificar e suas posições. A criação é fluida e potencializada pelo desejo, que pode afetar o futuro, mas não o passado, que está inevitavelmente fixo. Portanto, o repertório é essencial para que a música se torne um “corpo sem órgãos”.

“Primeiramente recuamos do mundo para poder imaginá-lo. E então nos afastamos da imaginação para poder descrevê-lo. Depois nos afastamos da escrita linear para poder analisá-lo. E, finalmente, projetamos imagens sintetizadas a partir da análise, graças a uma nova imaginação.” (FLUSSER, 2007)

SOBRE MUSICA

É recorrente encontrarmos em alguns estudos sobre as origens da música, afirmações de que esta forma de expressão surgiu a partir de sons e ritmos recorrentes na natureza.

Pode-se sustentar esta teoria, por exemplo, com o argumento de que a música feita pelos seres humanos utiliza-se de padrões, repetição e tonalidade em suas concepções.

É fato que algumas culturas apropriam-se de alguns signos numa tentativa de reproduzir e interpretar sons da natureza em algumas práticas cotidianas ligadas à religião. Auxílio na caça e entretenimento também são algumas funções atribuídas como funções da música.

A história da música está diretamente ligada ao tempo, que nos mostra a nossa condição de criaturas aloplastas (modificam o ambiente em que vivem para sobreviver) e os processos de mutação de nossos sentidos.

O homem manipula o seu meio ambiente, apropriando-se das coisas que encontra na natureza e resignificando sua própria existência.

Nossa reação ao discurso musical raramente é indiferente: ou se ama, ou se odeia.

A experiência musical é uma experiência social que compartilhamos em diversos momentos da vida cotidiana.

Diferente do teatro ou da literatura, que estão codificadas de uma maneira que a maioria já domina (a língua), poucas pessoas partilham do privilégio de conhecer a linguagem musical escrita, fazendo com que ela só possa ser apreciada através de produções sonoras.

Considerando o abismo que existe entre o que se escuta e o que se lê na partitura, devemos considerar a importância da representação de uma obra por um músico, que tem papel fundamental ao traduzir signos em sons audíveis e coerentes.

EXPERIÊNCIAS

“Experiência divide os termos perito e perigo em sua raiz etiológica.” (PIMENTA, 2010)

Como todo conhecimento é por natureza sempre parcial, experienciar algo significa colocar nosso conhecimento em risco.

Segundo os filósofos de Processo, as leis da natureza evoluem, portanto perceber o universo é um processo contínuo de mudança.

Nossa memória é caracterizada por algo que é dado pelo passado, influenciando nosso presente com eventos antecedentes.

Dependendo do tipo de exposição já experimentada, fazemos sentido do que ouvimos por um conjunto de convenções arbitrárias, pois o nosso cérebro busca naturalmente por padrões e regularidades.

“toda experiência é a manifestação do mundo interior e do mundo exterior como uma única entidade.” (PIMENTA, 2010)

Sempre fui uma criança bastante imaginativa e bastante emotiva. Uma de minhas grandes vontades, sempre foi a de viajar. Durante minhas férias escolares eu sempre visitava meus avós paternos, que moravam em outra cidade e meu primo e tios que moravam em Bauru. O simples fato de estar em um lugar diferente, em outra realidade, me deixava em estado de êxtase.

Minha relação com a música foi sempre de idas e vindas, um tanto informais. Lembro me de passar horas a fio na sala do apartamento de meus avós paternos tocando no Órgão elétrico e colocando discos aleatórios na vitrola. Não sabia exatamente o que estava tocando, mas parecia de alguma forma, fazer algum sentido. Ganhei um violão no natal do ano em que eu completaria quase seis anos de idade, que ficou guardado no maleiro por anos, intocado. Na pré-adolescência, redescobri este violão, que era meu parceiro nos momentos entre uma tarefa e outra.

Não sei dizer ao certo se por falta de disciplina, demorei muito para saber o nome deste ou daquele acorde que eu fazia, pois meu processo de aprendizado era por tentativa e erro. Não tentava tocar alguma música que já conhecia. Ao contrário disso, escutava o que me agradava diversas vezes, e tentava aplicar algum padrão que fosse de alguma maneira semelhante a eles, tentando transformá-los em algo diferente.

Durante a faculdade convivi com algumas pessoas que também tocavam, então sempre estávamos pelos cantos da casa tocando para passar o tempo.

Toquei em público poucas vezes, antes do ano de 2012.

Entre agosto de 2012 e agosto de 2013, tive a oportunidade de juntar as duas coisas das que gostava muito: Viajar e tocar.

Fui fazer intercâmbio em Portugal, o que me possibilitou experimentar coisas não imaginadas antes por mim.

Logo que cheguei, fiz um parceiro musical com quem tocava nas sextas feiras nos bares da cidade.

Foi a partir desta época que peguei o hábito de tocar antes de dormir, que deveria ser algo não muito demorado, mas que sempre durava muito mais que o planejado.

Outra coisa que me foi fascinante foi viajar de carona, de Portugal à Polônia, pouco antes de voltar ao Brasil.

COMPASSO

Neumas são elementos de um sistema de notação musical que surgiu antes da invenção da notação de pautas de cinco linhas.

No início, as notações musicais eram um tanto imprecisas. O cantor tinha que conhecer previamente as músicas e as marcações tinha a principal função de auxiliar a memória de quem cantava.

“Se há linguagem, é antes entre aqueles que não falam a mesma língua. A linguagem é feita para isso, para a tradução, não para a comunicação.”
(DELEUZE, 1997)

A linguagem é um mecanismo que junta significâncias numa tentativa de reter informações, e com isso podemos construir a noção de tempo.

A comunicação entre os seres humanos é um processo artificial que substitui vivências através de códigos e sistemas de símbolos, que são como extensões do corpo humano, ampliando nossas percepções numa tentativa de superarmos algo que não somos capazes de compreender, como por exemplo, a morte.

A Música é uma não coisa, um corpo sem órgãos. Um híbrido de calculável e indecritível, por agregar números e letras na forma como é feita, pensada e estudada.

Pode-se considerar que a música depende completamente do tempo para existir, pois, se o tempo parasse, não seria possível um evento musical ou sequer o som (que depende do início e término de uma vibração que, por sua vez, ocorre num intervalo de tempo). Um som depende do momento para iniciar, existir e deixar de existir, e, de modo mais abstrato, ocorre o mesmo com a música.

“Os nossos desejos podem afetar o futuro, mas não o passado. O futuro está, em certa medida, sujeito ao nosso poder, enquanto que o passado está inalteravelmente fixo.” (PIMENTA, 2010)

INSPIRAÇÕES

“Não podemos fechar os ouvidos. Não há verdadeiro oposto para uma música – tocá-la de trás para frente não significa inverter, mas sim reverter.” (PIMENTA, 2010)

Considerando que a memória curta compreende o esquecimento como processo, podemos considerar o processo de criação de uma música como o rizoma, que é feito de dimensões ou de “direções movediças”, sem ter começo meio ou fim.

“Podemos comparar a música com o “patchwork”, com seus tecidos que são acrescidos à malha infinitamente. O patchwork, por sua vez, pode apresentar equivalentes de tema, de simetria, de ressonância que o aproximam do bordado. Não obstante, no patchwork o espaço não é de modo algum constituído da mesma maneira que no bordado: não há centro; um motivo de base (block) é composto por um elemento único; a repetição desse elemento libera valores unicamente rítmicos, que se distinguem das harmonias do bordado (em especial no crazy patchwork, que ajusta vários pedaços de tamanho, forma e cor variáveis, e que joga com a textura dos tecidos).” (DELEUZE, 1997)

KUTIMAN

Ophir Kutiel é um músico, compositor e produtor israelense, que ficou mais conhecido pelo seu projeto intitulado “ThruYOU”.

Este projeto consiste em uma mixagem de vários vídeos encontrados no youtube, de músicos amadores e profissionais, criando faixas inéditas em uma gama de estilos musicais.

Segundo a opinião de Kutiman, a faca de dois gumes que é a internet, potencializa incalculavelmente a capacidade criativa dos artistas possibilitando que tenham um alcance muito maior e forçando a indústria musical mudar seu funcionamento.

A pirataria cresceu ao mesmo passo que os avanços da internet,

disseminando a cultura do “open source”, disponibilizando e compartilhando conteúdos como imagens, filmes e vídeos ilegalmente pela rede.

Não podemos também deixar de pensar que os avanços das tecnologias e internet, por serem cada vez mais rápidos, tornam as coisas obsoletas em uma velocidade muitas vezes inacreditável. Com isso, alguns sites como a Wikipédia, que é uma enciclopédia digital onde os próprios usuários contribuem ativamente com sua construção adicionando e editando seus conteúdos quando necessário, já que na era em que vivemos nos possibilitou produzir em qualquer lugar, sem a necessidade de um lugar específico que disponha de máquinas especializadas. As fontes de informações perderam seu monopólio e o homem se tornou nômade outra vez.

ORQUESTRA MEDITERRÂNEA

A Orquestra Mediterrânea foi um projeto idealizado por três diretores que juntou pessoas de diversas partes do planeta pela música. 24 músicos de diferentes países foram convidados para uma “Jam Session”, um tipo de projeto que cada vez ganha mais espaço na contemporaneidade.

A ideia da espontaneidade e a linguagem e comum entre os participantes, que era a música, pressupõe que o projeto e o produto são processos emergentes, que comportam o improvisado e a mistura de estilos como uma quebra de paradigmas, assumindo que os sistemas são moldados naturalmente, sem a necessidade de regras pré-estabelecidas para funcionar.

O mundo que vivemos hoje transita entre o cyber espaço e a realidade a todo instante, onde o digital interfere no mundo material de uma maneira líquida.

Uma maneira de ocupar estes dois espaços é por intermédio de uma TAZ, a Zona Autônoma Temporária.

O objetivo da TAZ é conduzir as pessoas ao terrorismo poético para que elas possam libertar sua criatividade. Ou seja, intensificar os momentos de afeto de nosso cotidiano criando uma experiência coletiva imediata, construída em ação.

“O que lhe resta das mãos são apenas as pontas dos dedos, que pressionam o teclado para operar com os símbolos. O novo homem não é mais uma pessoa de ações concretas, mas sim um performer: Homo Ludens, e não Homo Faber. Para ele, a vida deixou de ser um drama e passou a ser um espetáculo. Não se trata mais de ações, e sim de sensações. O novo homem não quer ter ou fazer, ele quer vivenciar. Ele deseja experimentar, conhecer e, sobretudo, desfrutar.” (FLUSSER, 2007)

A PROPOSTA

“Johann Sebastian Bach, que viveu entre 1685 e 1750 deixava em branco, muitas vezes, a marcação de tempo nas suas composições. As marcações de tempo que encontramos em muitas das suas partituras hoje foram feitas por diferentes copistas ao longo dos séculos. Bach deixava, não raramente, o tempo à livre escolha do intérprete.” (PIMENTA,2010)

Flusser afirma que o consumo da cultura por nós produzida é um ciclo infundável entre o lixo a natureza e a cultura, logo seria necessário que criássemos mais “não coisas”. Devemos nos atentar para o fato de que as informações não estão mais “presas nas coisas”.

Partindo desta ideia, então por que não potencializar a informação?

Por que não integrar com nossa audição o que a visão se encarrega de departamentalizar?

Qual é a matéria prima da música?

Submeto-me então à proposta de disponibilizar padrões de sons na rede. Poderíamos disponibilizar em um sistema de banco de dados, ou mesmo nos utilizar de ferramentas existentes como o Pinterest e o Soundcloud, que permitem conexões entre si, assim teríamos estímulos visuais e sonoros.

Poderíamos então ordenar alguns signos. Ou seja, diferenciar Qualidade, existência e razão.

Passado, presente e futuro.

Assim poderíamos projetar em open source, como Bach fazia com os tempos de suas composições. Poderíamos dobrar as informações sonoras como faz Kutiman ao atualizar vídeos aleatórios que encontra no youtube em algo novo. Poderíamos transitar assim entre os acontecimentos e as formas. Entre matérias e materiais, entre as intensidades e as medidas. Entre verbos, substantivos e adjetivos. Entre o liso e o estriado, compartilhando assim do afeto.

○ INPUT

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/reset>

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/the-same-that-you-see>

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/the-captain>

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/camadas>

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/covilha>

<https://soundcloud.com/neumeprojeto/between-the-borders>

BIBLIOGRAFIA

ARRIVABENE, Rafael M. C. Design – um projeto mutante. São Paulo: Joarte, 2010.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação: Vilém Flusser; organizado por Rafael Cardoso Tradução: Raquel Abi-Sâmara São Paulo: CosacNaify, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARRI, Félix. 1995. Mil Platôs Capitalismo e Es - quizofrenia, v. 1 a v.5. São Paulo, Ed. 34.

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo. 2010. Tempo Zero. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/49753249/2010-TEMPO-ZERO-Emanuel-Pimenta-BR> > Data de Acesso: 2010.

JOHNSON, Steven. 2003. Emergência: A vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro. Ed. Zahar.

BEY, Hakim. 2001. T.A.Z. - Zona Autônoma Temporária. São Paulo. Conrad Editora.

